

Companheiros para o destino

Notas da assembleia na Equipe
dos professores e educadores de Comunhão e Libertação
com Julián Carrón
por videoconferência, 4 de setembro de 2021

A Equipe dos professores e educadores de Comunhão e Libertação (CLE) é uma oportunidade de amizade, de diálogo e de encontro. Assim o demonstra a experiência de tantos adultos que, empenhados a vários títulos no mundo da educação dos mais novos, nela tomaram parte nos últimos anos.

O encontro deste ano – às vésperas do início do ano escolar – era particularmente aguardado, não só pela alegria de um reencontro num clima menos tenso, mas também pela consciência de estarmos atravessando um momento dramático, mergulhados num tempo que desafia o nosso eu.

O ano letivo passado, vivido entre a expectativa de uma volta à normalidade e quarentenas mais ou menos complicadas, tinha já sido caracterizado por formas e ocasiões de encontro inéditas – através das plataformas web – no âmbito dos Colegiais: testemunhos, assembleias, grupos de estudo, que assistiram ao protagonismo de jovens em ação de forma criativa.

As férias de verão, provocadas por um desejo incontornável de vida e de amizade, foram desejadas pelos jovens, que muitas vezes envolveram os adultos antes que estes tomassem a iniciativa, e revelaram-se lugares de encontros e de fatos inesperados.

«Há uma brecha em todas as coisas, é assim que a luz entra», diz a canção de Leonard Cohen, Anthem. Ela expressa muito bem o caminho deste período. Dentro das numerosas brechas de uma realidade que nos mostrou seu aspecto menos calmo e tranquilizador – o confinamento, o ensino à distância, os sentimentos de medo e incerteza –, introduziram-se possibilidades de luz imprevisíveis: encontros, amizades, renascimentos. Ninguém teria imaginado tanta riqueza no meio de um contexto aparentemente tão desfavorável. Porém aconteceu!

Todavia, como tantas vezes nos é lembrado, não basta a realidade acontecer diante dos nossos olhos (mesmo a mais incrível), pois é preciso um olhar atento para identificar o que vibra dentro das coisas que acontecem, indo até sua raiz; só assim as tornaremos verdadeiramente nossas e conseguiremos nunca mais perdê-las. O maravilhamento e a gratidão por esses fatos reabriram perguntas sobre nós mesmos e sobre a nossa humanidade, sobre a graça do carisma encontrado e sobre a responsabilidade pessoal diante do mundo. Do desejo de enfrentar as perguntas e de julgar o caminho destes meses nasceu a ideia de um diálogo com Julián Carrón, que constituiu o núcleo dos dias da Equipe e que é aqui reproposto.

**padre Andrea Mencarelli
Francesco Barberis**

Francesco Barberis. Olá, Julián! Obrigado pelo teu tempo. «Cada um de nós é responsável pelo carisma que encontrou» (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 121). Chegamos ontem à noite com toda a urgência da necessidade que somos, e vivemos hoje um dia intenso: esta manhã com padre Andrea, César e Alfonso (sobre as séries de TV, os artigos dos jornais e a relação até dramática com nosso coração); e depois do almoço vimos o vídeo da exposição do Meeting *Viver sem medo na era da incerteza*, que mostra – entre outras coisas – a sua amizade com Rowan Williams e Charles Taylor.

Nós também, Julián, como você, não queremos facilitar um segundo na relação com a nossa humanidade, feita de alegrias e de feridas, para identificarmos com você toda a dimensão do cristianismo na nossa vida. De manhã me comovi quando, nas Laudes, repetimos aquela frase: «Sereis minhas testemunhas até os confins da terra» (“Responsório”, Laudes de sábado, *O livro das horas*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2016, p. 161), e me perguntei: testemunhas de quê? Pois bem, queremos permanecer em relação, em diálogo com você, Julián; é por isso que lhe agradeço, que lhe agradecemos. Vamos começar.

Este ano me aconteceram várias coisas que foram para mim uma ocasião para ir ao essencial do que encontramos. Uma jovem me procurou e começou a conversar comigo, um pouco como Nicodemos, sem dizer nada aos outros colegas. Disse-me: «Todos pensam do mesmo jeito e eu preciso de alguém que, pelo contrário, introduza alguma coisa diferente». Outra aluna, na última aula sobre Santo Agostinho, interveio dizendo: «Como é que se pode imaginar um Deus que cria o mundo e pronto, e depois acaba ali? É impossível». Dei-me conta, com surpresa, disto: durante anos, sofri com o fato de que tantos jovens, em certas ocasiões, percebiam uma originalidade, uma diversidade, durante algumas aulas, mas depois isso não se tornava uma história, não provocava nenhuma “conversão” e ninguém sonhava em vir aos Colegiais. Percebo agora que não é este o ponto, mas sim aqueles momentos em que se abre uma fenda pela qual se possa introduzir um ponto de luz. A questão está, pois, nas mãos deles e de Deus, e será necessariamente deles o diálogo com o Senhor. Quando nós dizemos: «Libertar-se da forma», eu pensava que significava libertar-se de determinadas formas no âmbito dos

Colegiais; em alguns aspectos, pode ser que eu deva libertar-me delas, como por exemplo do pensamento de que «se não vem aos Colegiais, isso não é bom»; mas não é esse o ponto, porque as coisas não estão nas minhas mãos. Isso vem se tornando para mim um ponto de conversão, e foi possível graças ao percurso que fizemos nestes anos, desde A beleza desarmada em diante. Dou-me conta de que a questão mais importante é que haja lugares de liberdade, nos quais seja possível educar para a liberdade. Este ano, num momento em que a escola pública estava fechada e os jovens não podiam encontrar-se à tarde, a existência de um lugar como Portofranco (centro reforço escolar para alunos do ensino médio), para onde podíamos convidá-los, foi uma coisa preciosíssima. Em tudo isso, parece-me que existe também, em alguns aspectos, uma superação do dualismo, porque não é que quando dizemos: «A questão é encontrarem a Deus», então nos esquecemos de avaliar o ponto em que estamos também do ponto de vista operacional. Essas coisas têm-me impressionado muito, pessoalmente.

Julián Carrón. Isso revela o percurso que você fez: como, aos poucos, através do que encontra diante de si na realidade, neste caso os seus alunos, você é chamado a decidir: abraçou-os tal como são, deu-lhes espaço para que pudessem fazer um caminho. Com efeito, você disse: «O que me interessa é que, acima de tudo, sejam lugares de liberdade», onde os seus alunos possam fazer suas perguntas, expondo-se, antes ainda de querer “educá-los” a qualquer coisa. Isso só poderá acontecer se eles aceitarem implicar-se numa relação. É sintomático que os jovens de que você falou tenham te procurado. Porque, no fundo, não estão em paz. Ainda que tenham a possibilidade de falar, de exprimir-se, isso não basta para estarem em paz com suas perguntas, com uma coisa que é irredutível. É isto que precisamos reconhecer neles. É a coisa que surge mais claramente na exposição sobre as séries de televisão que vimos no Meeting, mas também na literatura e na arte no tempo da secularização: existe nas pessoas uma irredutibilidade que está apenas à espera de alguém capaz de identificá-la, de alguém que saiba abraçar as perguntas de que é feita. Não se trata de levar as pessoas a algo projetado por nós, mas de viver com elas um diálogo totalmente leal, de homem para homem, para que cada um possa fazer seu próprio caminho. Acho que isso, como você disse, nos chama a todos nós a uma conversão: abraçar a humanidade que encontramos à nossa frente, as samaritanas e os Zaqueus do nosso tempo. Como vai evoluir o encontro, isso

dependerá da liberdade das suas alunas, é um problema da relação delas consigo mesmas e com o Mistério. A nós cabe uma única coisa: sermos nós mesmos diante delas, verificando se somos capazes de dialogar com a sua irreduzibilidade. É um belo desafio para nós!

Falava-se do declínio ou do crescimento do carisma, e eu, neste período, dizia-me: «Não sei se dou fruto, sei com certeza que nestes dois anos seguir o carisma me deixou cada vez mais livre para ouvir minha humanidade e, portanto, mais sensível às feridas e aos dramas que estão por detrás de determinados olhos e determinadas situações». Houve mais sentimento e, logo, mais expectativa em ver como é que Cristo se tornava presente. E isso começou graças à sua carta de dois anos atrás sobre a pandemia – Viver intensamente o real – e ao trabalho deste verão sobre não nos confundirmos em relação ao verdadeiro inimigo, que é o niilismo. Há, porém, uma questão em relação à qual me sinto frágil e que nestes dias alguns amigos não param de fazer: «Diante dos dramas que encontramos, a questão não é a análise ou as coisas a fazer, mas estar ali, consciente de que você está presa e que Ele já está em você. Não tem de fazer mais nada a não ser estar ali e existir». Então você disse: viver diante deles, em diálogo com eles. Interessa-me aprofundar este ponto, porque parece que o meu eu, ainda que preso, é sempre muito pouco. Conto uma pequena coisa a este respeito. Este verão, um grupo dos nossos jovens me convidou para passar um dia com eles na montanha; insistiram, eu disfarçava. Depois, num dado momento, precisamente porque insistiam, disse: «Vou ao jantar», e eles começaram a dizer: «Então venha ao jantar, hein! Estamos esperando!». Estavam em cima de um vale, eu estava na cidade, por isso levava uma hora e meia de caminho para chegar lá. Começou a chover e as de lá de casa me disseram: «Não vá, você é louca!» Respondi: «Não, os meninos estão à minha espera, vou lá». Enquanto ia, continuava perguntando-me: «Por que é que esses meninos me querem?» A princípio, tinha pensado: «Porque lhes dou carona», mas depois conseguiram se virar sozinhos. Percebo então que um monte de vezes, diante da abertura de alguns alunos, de alguns colegas dos Colegiais, não me considero aquele ponto pelo qual Jesus vai ao encontro deles, eu os convidaria a seguir outra pessoa. No fim vou, porque é muito grande o sentimento por aquele ali, por aquela ali, mas por mim eu cairia fora...

Eu também!

O que quer dizer, então, crescer nessa consciência de que «és Tu que vives em mim», livres de verdade da nossa própria inadequação?

O primeiro dado para reconhecer é que o *como* não é você quem decide. No que você contou, foram os seus jovens que te deixaram consciente daquilo de que você não estava consciente, daquilo que traz consigo; por isso são preciosos para você (é a razão pela qual eu sempre disse que «o outro é um bem para mim»): neste caso, perceberam algo diferente em você, outras vezes devem ter te criticado, mas te ajudam sempre a tornar-se consciente de si, te introduzem a um caminho e, portanto, tornam-se amigos, companheiros para o destino. Você não pôde deixar de levar em conta esse apelo deles, essa insistência, mesmo ainda antes da decisão que tomou! Eles não ficaram ali esperando que você resolvesse suas angústias, insistiram e insistiram, e pronto. Como faz a criança com a mãe: não sabe que horas são, se ela está cansada, se está preocupada, mas está todo voltado a ela por uma necessidade que sente e então a chama, insiste; e a mãe tem de decidir se acolhe o grito, se lhe dá resposta, se a ouve, ou então se não faz caso dela. Somos chamados a uma maternidade e a uma paternidade. Todos, em determinados momentos, podemos ter a tentação de escapar de uma relação, e isso é normal, faz parte de um caminho de conversão que nunca se realiza desde fora, como resultado de um projeto nosso. Por isso sempre me surpreende a frase que ouvi Dom Giussani dizer uma vez: «Nossa responsabilidade é a conversão do eu ao acontecimento presente», ou seja, ao acontecimento que se dá diante dos nossos olhos. Não é por força dos seus projetos ascéticos, calculados, mas é através da modalidade com que Ele te chama a responder que se renova e se aprofunda a sua conversão. O que aconteceu e que você contou constrói a sua vida, tal como constrói a vida dos seus alunos: neste entrelaçar realmente surpreendente, eles se tornam companheiros de caminho para o seu destino. Muito diferente de um formalismo! É como se em muitas ocasiões se abrisse um diálogo vertiginoso e ao mesmo tempo lindíssimo, porque ficamos diante do fato de que, na situação que vimos descrita na exposição e nos diálogos desta manhã, neste momento humanamente dramático, há jovens nos quais vem à tona com clareza a irreduzibilidade do humano. Isso é já a primeira derrota do niilismo! É espantoso para nós, pelo menos para mim é! Obrigado.

Sou médico, não sou professor, mas estou envolvido na realidade dos Colegiais. No final deste ano letivo, tratava-se de entender se devíamos ou não fazer umas férias juntos. Eu não queria fazê-las: estava muito cansado, vivia um momento realmente duro no trabalho e depois repetia comigo mesmo: «É um período em que os jovens estão muito esquivos», e parecia-me que, de alguma maneira, estava forçando as coisas. Até que me ligou um pai e me disse que seu filho, depois de um ano inteiro em ensino à distância, já não saía de casa e, mesmo quando os amigos passavam por lá, já não queria ir com eles; a casa tinha-se tornado seu refúgio. Isso me impressionou e entristeceu-me de verdade; até me surpreendeu que me tivesse entristecido tanto; tive a percepção de que aquele rapaz, em certo sentido, me pertencia e eu lhe pertencia. Isso me “incomodou”, fez que eu voltasse atrás e por isso propus as férias. Mesmo aqueles jovens que a princípio me pareciam esquivos, aderiram logo. Percebi, em primeiro lugar, como era superficial o meu juízo sobre eles. Pensava que fossem os jovens que estavam distantes de si mesmos quando, afinal, era eu que não tinha entendido exatamente o que tinham no coração. O que para mim ficou muito claro é que ia de férias não porque tinha de lhes explicar a realidade, como viver, etc., mas porque era eu que precisava estar com eles, conhecê-los melhor e entender melhor o que estavam vivendo. Também o formato das férias foi “influenciado” por isso, porque não consegui pensar nelas senão a partir daquele menino que não queria sair de casa. Todas as férias tiveram como tema os cinco sentidos, ou seja, a descoberta da realidade. Brincando, eu lhes dizia: «Pessoal, esta é a descoberta dos cinco sentidos!» Foram férias lindíssimas, foi descobrir a realidade em sua beleza e positividade antes ainda do que em sua incapacidade de responder ao coração do homem. Às vezes ficamos parados nesta segunda passagem – a realidade não responde ao coração do homem –, mas eu tive a percepção de que ali estava necessitado, acima de tudo, de descobrir a realidade em sua beleza e positividade. Naquele momento, pensei que não poderia nem de longe ter pensado numa coisa daquele gênero sem o décimo capítulo d’O senso religioso, que me deu um olhar completamente novo sobre a realidade.

Acrescento ainda outra coisa. Como, entre nós, seguíamos recomendações prudentes em relação às condições sanitárias, ao propor aos pais a ficha de autorização para os menores deu vontade de eliminar “férias organizadas

pelos Colegiais” e escrevi “férias organizadas por mim, nome e sobrenome”: assumia a responsabilidade totalmente, porque me parecia que isso respeitava mais todos os fatores. Nem por um segundo o entendi como uma espécie de personalismo, ou como uma possível divisão entre mim e os Colegiais. Vieram-me à cabeça aquelas palavras da Escola de Comunidade, quando se diz que o encontro totalizante não é um âmbito de relações, mas a forma das relações, e parecia que este era o meu caso, porque o verdadeiro lugar do templo é o eu, não pode haver templo senão no eu. Este é o verdadeiro desafio. Este ano foi uma enorme oportunidade para que cada um de nós pudesse crescer em responsabilidade. Todos os meus amigos enfrentaram, de alguma maneira, este desafio, mas paradoxalmente souberam enfrentá-lo melhor aqueles que mais foram feridos pelo que estava acontecendo nos jovens, nos filhos. Este ano, na minha opinião, apresentou desafios enormes, bem mais do que uma troca de meios (da presença física às redes sociais), em que foi posta em jogo a identidade, o sentimento de si. São desafios grandes e é compreensível que uma pessoa se sinta perdida diante deles. E quem se sentiu mais ferido, inadequado, despreparado, foi quem deu um passo maior: acolhendo esta inadequação, descobriu-se não apenas um professor melhor, mas também um pouco mais pai e mãe, com uma flexão diferente na forma de estar com os jovens. Em suma, é verdadeiramente necessária uma rachadura para que passe uma luz nova, como se disse esta manhã.

Este ano, devido a todas as restrições sanitárias, não pudemos fazer gestos todos juntos. A situação era pluricêntrica: um grupinho aqui, outro acolá. Cada um de nós, adultos, sentiu com dor a ausência do amigo, a ausência do outro. Descobri a beleza, o desejável que há no “nós”, não por causa de um vínculo externo, mas no seio da experiência do eu. Também devido às contingências históricas que estamos vivendo, parece-me um ponto importante: a possibilidade de descobrir a beleza do “nós” não por causa um vínculo externo ou por razões estatutárias, mas como um ganho do eu, fortes só com a beleza desarmada, com a atração. É um desafio que estou contente por viver.

É um desafio fantástico! Você sente os jovens esquivos, mas, assim que aparece um que te impressiona e te entristece por não querer sair de casa, você sente uma ligação com esse rapaz e isso volta a te pôr em movimento, fazendo você reconhecer que o juízo que tinha feito era superficial. Consequentemente,

Você começou a ver o quanto também precisa deles. Começou um percurso que te leva a descobrir cada vez mais, junto com eles, o que é a realidade até à sua fonte, como diz o capítulo décimo d' *O senso religioso*. Quanto ao encontro totalizante não como âmbito de relações, mas como forma verdadeira das relações, por um lado, o seu “eu” se joga diante deles, mas, por outro lado, ao mesmo tempo – como você viu depois –, você não pode experimentar (também pelo fato de não poderem fazer gestos juntos) que não te basta fazer esse percurso “seu” com eles, tanto assim que desejou introduzi-los à experiência de um “nós”. É muito bonito ver como isso acontece: seguindo a realidade tal como ela vem ao nosso encontro, nós somos levados a alargar cada vez mais o olhar até à pertença; basta seguir a atração, e – como você disse no fim – não seria uma verdadeira atração se o “eu” não estivesse envolvido com um “nós”. Muitas vezes, devido a um formalismo, o “eu” é contraposto ao “nós”. Se uma pessoa levar a sério a presença do outro, é inevitável que sinta saudades quando ele não está, como você sentiu a necessidade de estar com os seus jovens: este ano não puderam fazer gestos juntos, e isso te levou a sentir saudades deles, uma saudade que te abriu de maneira nova à relação com eles. Porque o seu “eu” tem lá dentro o “nós” como forma verdadeira da relação. É muito bonito descobrir que esse entrelaçar, que esse diálogo com os jovens serve acima de tudo para nós; descobrimo-los cada vez mais como companheiros de caminho, como um bem que nos “impele” a uma relação com eles, dramática e ao mesmo tempo totalmente respeitosa dos seus tempos, bem como dos nossos.

Querida contar dois episódios breves que me aconteceram no fim do ano. No último dia de aula entrei no quinto ano e encontrei os jovens em silêncio; em vez de estarem em festa, estavam em círculo em silêncio absoluto, enquanto partilhavam sua experiência escolar com uma colega minha. Senti espanto e admiração, mas ao mesmo tempo também algum desconforto porque – admito – senti um bocadinho de inveja. Desejei tantas vezes que um momento assim pudesse acontecer comigo, e em vez disso aconteceu com outra com quem não tive uma grande ligação. Esse fato suscitou duas perguntas. A primeira: não é verdade que nós somos melhores porque somos de CL; com efeito, meus colegas estão metodológica e humanamente mais à frente do que eu, e eu sou aquela que desmascara o mito. Então me perguntei: qual é a minha diferença?

De que natureza é? Não é certamente de natureza performativa. A segunda pergunta que me surgiu é uma pergunta de sentido, pungente, melancólica: que é que fica de mim nesses jovens? Se eu pensar bem, é o tipo de pergunta que sempre me acompanhou: estou pensando na garota que eu era aos 17 anos, quando não suportava o verão (porque me sentia muito sozinha, dado que as minhas colegas de turma desapareciam), ou penso em quando me apaixonei por um rapaz que me disse não. Como é que podia lidar com aquilo? Meu pedido de bem não encontrava resposta, porque meu desejo de amor e de amizade eram mortificados, eu me tornava violenta e dentro de mim prevalecia um ressentimento corrosivo. Agora esse pedido de bem e de sentido é o mesmo, idêntico, mas eu sou diferente, porque após trinta anos de caminho me dou conta de que posso estar diante dos meus pedidos de forma diferente. Entendi que, se espero uma resposta, se continuo olhando de verdade, chega sempre alguma coisa; enfim, eu agora sei a Quem faço o pedido, a diferença está toda aqui.

No fim do ano tinha proposto aos meus alunos passarmos um domingo juntos, e entre todos os convidados só um tinha respondido; entretanto, tinha estendido o convite também a outro professor amigo que estava organizando para aquele dia um passeio na montanha. Dado que o meu programa tinha ido pelos ares, convidei meu aluno a juntar-se ao passeio na montanha. Tinha-se assim formado um grupo muito heterogêneo, composto por alunos, professores, ex-alunos, amigos vários, pais dos alunos. No final do passeio, paramos à beira do caminho, à sombra, para almoçar. Uma menina universitária tinha preparado as poesias de guerra de Ungaretti; quando se preparava para começar a lê-las e comentá-las, chegou um grupo de excursionistas que tinha de passar por aquele caminho e decidi parar e ouvir conosco e cantar os cantos alpinos que tinham sido preparados. Os excursionistas ficaram maravilhados com tanta beleza e nos perguntaram: «Mas quem são vocês? O que fazem?» Eram professores, e não queriam acreditar que fosse possível ensinar na montanha, recitando poesias e cantando cantos alpinos. Até que uma delas exclamou: «Essa é a escola italiana que eu quero!» Foi um domingo realmente especial. Por três motivos. Um: porque, se eu tivesse ficado presa ao que tinha programado e que não tinha ido para frente, não teria acontecido nada. Dois: confiei e segui o que uma amiga tinha proposto. Três: às vezes nem me dou conta do tipo de

educação que recebi nestes anos, ao passo que outros o notam, a ponto de causar uma emoção em quem nos observa. Não se trata de uma capacidade performativa ou organizativa, mas da minha consciência de ser filha de uma história que me gera e à qual vou continuamente buscar linfa. Está tudo aqui. Estão vendo? É isto o que, no fim de contas, fica do percurso que fazemos. Às vezes uma pessoa se pergunta: «Onde é que está a diferença?» Se fazemos um caminho, aos poucos, a diferença não pode deixar de aparecer cada vez de forma mais clara. Mas isto não se documenta necessariamente na forma e na modalidade que nós temos na cabeça. Às vezes pode acontecer no silêncio da sala de aula ou durante um passeio. Não somos nós que decidimos quando é que uma diferença fica evidente e é reconhecida. Mas, quando acontece, não paremos na medida reduzida com que sempre temos a tentação de nos julgarmos a nós mesmos, mas sigamos o caminho da autoconsciência, que é o que nos é necessário para viver! Como isso se concretiza no real, ou quando floresce, o que fará o Mistério com o nosso “sim”, só o descobriremos quando Ele quiser. Por isso não paremos no sucesso ou no insucesso do nosso desempenho, mas continuemos a viver o nosso “sim”, para que a vida não se perca. Como o Mistério vai usar o nosso sim, será Ele quem nos fará saber, às vezes no momento mais inesperado, como você viu, a ponto de se tornar um espetáculo para aqueles excursionistas que dão por si dizendo: «Essa é a escola que eu quero!» A simplicidade de um gesto como um passeio na montanha deixa extravasar o amadurecimento daquela autoconsciência da qual tantas vezes duvidamos. No entanto, independentemente de quando surge aos olhos de todos, a questão é a plenitude que representa para nós viver a vida assim. O resto está nas mãos de Outro.

Querida contar dois fatos que me parecem indicar para mim um crescimento do carisma. A experiência dos Colegiais recomeçou para mim em pleno confinamento. Meu marido e eu decidimos acolher em nossa casa um rapaz do CLU (Comunhão e Libertação Universitários) que precisava de alojamento, e que veio viver conosco durante os meses do confinamento. A intensidade de amizade que vivemos com ele e o fato de termos aceitado envolver-nos com ele com sinceridade mudou-nos a nós e a ele. A sua e a nossa gratidão esteve na origem de uma novidade. Como que em troca do acolhimento recebido, lembrou-se, emocionado, das crianças do oitavo ano – de quem eu lhe tinha

falado – que tinham acabado de fazer o exame; eram uns quinze, e ele não os conhecia. Pedi-me o número deles, ligou para eles, um a um, para convidá-los para nossa casa. Vivemos um verão de encontros, de cantos, de jogos, de jantares. Na esteira de tudo quanto tinha acontecido, no início deste ano chegaram aos Colegiais uns trinta jovens: sem nenhuma estratégia, como se disse esta manhã! Tudo nasceu da experiência vivida no confinamento, daquela intensidade de relacionamento, da gratidão que se seguiu: comecei a olhar para os jovens de outro jeito. Esta pareceu ser uma grande novidade para mim. Vou ao segundo fato. No mês de setembro, encontramos-nos com os adultos para decidir quando fazer Escola de Comunidade dos Colegiais durante o ano, e decidimos fazê-la às 13h. Só havia um rapaz que frequentava uma escola longe; voltava para casa às quatro da tarde, por isso nunca ia poder vir. Pensando em como eu também tinha encontrado o Movimento quando tinha aquela idade, e que o Senhor tinha vindo me buscar no específico da minha situação, eu disse: «Mesmo que só para esse menino eu faça um grupo de Escola de Comunidade, se ele quiser, à noite; assim ele pode vir». Começamos ele e eu; aos poucos, convidou seus amigos e agora são uma vintena de jovens cada vez mais ligados entre si. Saí disto mais crescida. Porém tenho uma pergunta. Você já respondeu, em parte, mas ainda preciso ser ajudada. Há alguns dias, encontramos-nos com os adultos e estávamos já todos zangados sobre o que fazer este ano, quantos grupos, com quem, como, onde; quando esta manhã o padre Andrea disse para estarmos atentos em não estabelecer logo uma forma, perguntei-me: como não cobrir logo uma iniciativa nova com formas, como que querendo tomar nas mãos as rédeas do que acontece?

Não se preocupe. São perguntas que você pode fazer, porque é normal uma pessoa ter um mínimo de organização. A questão não é tanto essa, mas dar-se conta de que, quando você viu que um rapaz não se encaixava na organização da Escola de Comunidade pensada por vocês (como vê, há sempre algo que escapa aos nossos esquemas), você respondeu à solicitação que a presença dele representava para você e isso gerou um grupo maior do que aquele que já tinham: de um, passaram a vinte jovens, respondendo ao convite do amigo. É esta flexibilidade, é esta conversão nossa ao que acontece, o ponto. Você podia ter dito: «Está bem, esta é a organização que pensamos, quem pode vir venha, o que é que podemos fazer de diferente?»; em vez disso, devido à gratidão pelo

que lhe tinha acontecido, você se mexeu por aquele rapaz. As coisas são sempre mais simples do que o que imaginamos, porque não é uma questão de organização ou de iniciativas, mas de diálogo com a realidade que constantemente rompe os esquemas. É preciso apenas estarmos disponíveis para esse diálogo, como você esteve. Quem poderia ter dito, quando você começou a falar com aquele rapaz, que essa seria a forma com que o Mistério chegaria a outros? Essa flexibilidade, esse estar atento aos sinais do Mistério – como você fez, e é surpreendente, primeiro acolhendo o rapaz do CLU, aceitando pôr-se em ação na relação com ele, depois tomando a iniciativa com aquele aluno – faz com que tudo contribua para o nosso crescimento. Esse crescimento está ligado à sua disponibilidade diante de alguém que não se encaixava no esquema – ainda que necessário: fazer a Escola de Comunidade às 13h – com o qual, com toda a boa vontade de vocês, tinham tentado responder à necessidade da maioria dos jovens. Tudo isso te mostrou que o Mistério pode usar um caminho diferente para alcançar “uma” pessoa; e você foi tão simples ao permitir a forma como o Mistério te chamava através daquele rapaz. Nunca conseguiremos chegar a uma organização tão perfeita que nos poupe de sermos bons, ou seja, atentos e disponíveis aos sinais do que acontece. Você podia ter dito: «Como a organização é esta, paciência para quem não pode vir à Escola de Comunidade». Em vez disso, não, você se deu conta de que mesmo para um único rapaz que não se encaixava no esquema valia a pena lançar-se pessoalmente. E depois ficou espantada por ser a forma pela qual o Mistério te preparava uma surpresa!

Nestes dois anos de pandemia, acompanhei sempre o mesmo grupo de alunos, dos 10 aos 12 anos; um deles tem um autismo leve, mas é muito empenhado; os colegas não notam nele essa dificuldade e pensam que prefere estar sozinho. É difícil favorecer as relações quando não se veem as dificuldades. A mãe é muito corajosa e estimula seu filho em tudo. Neste período falamos muito, para ajudá-lo a lançar-se em pequenos desafios: «Vá comprar um chocalatinho na lanchonete da escola», «Aprenda o nome dos seus colegas», «Faça uma pergunta», «Faça anotações». No primeiro confinamento, parecia ter regredido muito, tanto que no verão tinha dito à sua mãe que preferia que as aulas fossem sempre à distância e que em setembro não queria voltar à escola. No entanto voltou, e os desafios foram muitos. No segundo

confinamento (de janeiro a abril deste ano), teve as mesmas dificuldades. No fim do ano, a mãe estava meio preocupada, porque parecia que não tinha alcançado muitos objetivos, ainda que as suas notas não fossem baixas. A certa altura, perguntei-lhe: «Como é que correu o confinamento em casa?», e ela respondeu: «Não via a hora de que recomeçassem as aulas presenciais em abril». Eu repliquei: «É fantástico! Esse é o passo mais importante que ele deu nestes dois anos!» A mãe olhou para mim muito admirada, como se não se tivesse dado conta disso. Então continuei: «Isso quer dizer que está em relação com a realidade e que, a seu modo, percebe que há um lugar que o desafia todos os dias a relacionar-se com os outros – professores e alunos –, que o arranca do isolamento, que o puxa para fora dos seus jogos e onde ele quer voltar!» A mãe me olhou, comoveu-se, pôs-se a chorar e disse: «É verdade, é verdade», porque não se tinha dado conta disso. Esse fato suscitou em mim muitas perguntas, mas principalmente uma: o que me permitiu ver o que descrevi? Como professora, tenho na cabeça muitos objetivos, mas esse menino alcançou um objetivo que nem sequer me tinha passado pela cabeça: desejar estar presente na escola. E como é que eu via isso, e sua mãe, que está sempre com ele e é tão atenta, não? Dei-me conta de que esta capacidade de ver vem da experiência do carisma. Uma das coisas que mais me ajudou este ano foi a Escola de Comunidade com você todos os meses: a forma como acolhe cada intervenção e como faz emergir o ponto mais verdadeiro do caminho de cada pessoa me educou; educou sobretudo a minha atenção, tornando possível que, por exemplo, me desse conta do passo de gigante do meu aluno autista, que poderia ter passado despercebido. Vejo que a descoberta mais importante deste ano foi – por fatos como o que contei – que a geração de mim mesma, do meu eu, não acontece quando me analiso ou quando estou preocupada com meu desempenho, mas quando aproveito as ferramentas que me são dadas, que um Tu me dá numa companhia bem concreta, e me deixa gerar seguindo-a. Obrigada.

Obrigado, fantástico! Porque essa geração de si, que você nos testemunhou, que nos vem da graça do carisma, que acontece seguindo a modalidade com que Dom Giussani nos introduz a olhar para as coisas em todo o seu fascínio e no seu significado, é isso que faz a diferença. Todos tinham à sua frente a criança autista, desde a mãe aos colegas professores, mas só em você, para sua própria surpresa, havia aquele olhar que te permitiu começar a lançar-lhe

pequenos desafios (aprender o nome dos colegas, ir comprar um chocolatinho na lanchonete da escola), em vez de apostar baixo, pensando: «Não consegue, é autista, coitadinho!» Tudo isto, aos poucos, gerou na criança uma confiança que a levou a fazer coisas que não julgava ser capaz de fazer. O olhar que passou por você foi de tal forma generativo que a ele veio a vontade de voltar à escola, ao contrário do primeiro confinamento. É neste ponto que entendo que uma pessoa possa fazer a pergunta: «De onde é que me vem este olhar? Onde é que o aprendo?» Aprendemo-lo num lugar generativo, porque, como diz Dom Giussani, «ninguém gera, se não é gerado» (L. Giussani, “A alegria, a letícia e a audácia. Ninguém gera, se não é gerado”, *Litterae Communionis*, n. 58, jul/ago. 1997, p. XXVI). Impressiona-nos que possamos estar cada vez mais diante da realidade por força de um lugar e da consciência do Tu que nele se torna presente, como se vê em tantas das falas. Não parece ser nada, aparentemente não é nada de impressionante: quem é que, na escola, se deu conta de que havia uma pessoa que olhava para o menino autista desse jeito diferente? Nem mesmo a mãe conseguia olhar para ele assim! Naquele olhar diferente joga-se o seu destino, tal como se joga o nosso destino. Como é possível não sentir toda a gratidão por pertencer a um lugar que nos gera assim a nós, em primeiro lugar? Como é possível não agradecer todos os dias a Dom Giussani por isso?

Eu queria voltar à questão da rachadura. Não é, de fato, um exagero o que vimos também nas séries de TV. Há algum tempo que tenho aqui dentro uma ferida grande, percebi isso lendo “por acaso” uma palestra sua. Dei-me conta da ferida e então foi doloroso, choroso, e tive de me dizer: «O que é isto? Você tem sessenta anos, trinta anos de vocação, o que se passa com você agora?» E disse a mim mesma: «Bem, olhe para ela, para essa ferida», uma ferida que depende da minha história, do que aconteceu na minha vida. Comecei a fazer de tudo para esquecê-la: distraí-me, tentei muitas respostas, mas essa ferida permanecia. Um dia, durante o silêncio, reparei que nessa dor havia um ponto de gratidão. Foi um ponto de não retorno. É o único ponto de mim não banal, não saciado, não superficial, não pretensioso, o único ponto no qual posso reconhecer verdadeiramente que “sou” necessitada, o único ponto que escapa a todos os meus cálculos, a todos os meus “faça você mesma” e onde pode recomeçar o pedido da Sua presença, ou seja, da salvação. É o único ponto

que, no fundo, me mantém desperta – e este é o motivo da gratidão – porque não me deixa morrer no nada de uma vida às vezes não dramática, que vai sempre bem, em que eu fecho o círculo. Logo a seguir, disse-me: «A primeira vitória de Cristo está aí», porque sem Cristo, sem o modo como Cristo me alcança agora, sem o teu rosto e o desta companhia, eu não conseguiria sequer olhar para essa ferida. Não sei se consigo me explicar bem, desculpem. Claro!

Compreendi finalmente a importância dessa rachadura, por isso não queria eliminá-la, até porque é o meu verdadeiro eu. Toquei no meu eu de verdade. Não tem a ver apenas comigo porque sou feita de uma determinada maneira, ou sou mal feita, sou dramática demais ou sei lá o quê; julgo que é este o ponto do humano, um dado que nos diz respeito a todos. É deste ponto que eu agora olho para tudo o que me está acontecendo, meus alunos, meus colegas, a escola que começa, as pessoas da minha casa. É urgente demais para mim tê-lo presente para poder reconhecer a resposta quando acontece. Por isso, em última instância, sou grata. Dentro da dor, com o tempo, o que vence é uma grande gratidão. É esta a minha experiência de rachadura.

Por que está tão grata? O que descobriu em tudo isso? Na minha opinião, é decisivo dar-mo-nos conta disso, porque nós podemos viver durante anos a vida do Movimento, ou a vocação, sem conseguirmos entender e abraçar a ferida. Porque é uma coisa que não podemos fazer sozinhos, não?

Não.

Ponto. Isso é crucial, porque então, precisamente porque você não consegue abraçá-la sozinha, precisa de silêncio. Mas o que é o silêncio?

É um diálogo.

Não é ficar sozinha consigo mesma. O silêncio é deixar entrar o olhar de Outro sobre você, justamente porque sozinha não consegue olhar para a ferida. Você releu por acaso uma palestra, e isso te facilitou olhar para si mesma. Nossa humanidade é o maior recurso que temos para esse diálogo cada vez mais intenso, cada vez mais profundo, cada vez mais arrebatador com Cristo, e é isso o que no fim das contas nos torna gratos. Dizia-o – como viram – no vídeo da exposição: creio que a lealdade com a minha humanidade me salvou a vida. Dom Giussani sempre nos disse isso, mas podemos ouvir formalmente as suas palavras: «Cristo [...] se propõe como resposta àquilo que “eu” sou e apenas uma tomada de consciência [...] terna e apaixonada de mim mesmo [esse olhar

pleno de ternura sobre si] pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, admirar, agradecer e vivenciar Cristo» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012, p. 11). É isso o que pode te ajudar a descobrir quem é Cristo de verdade.

Isso não tem comparação com nenhuma outra coisa. Só quem percorrer este caminho será capaz, no mundo em que vivemos, de abraçar as feridas do outro; em vez de considerar as feridas do outro, os desastres ou as coisas que não correm bem como um obstáculo, vai olhar para elas como ocasião para encontrar Cristo. «Eu não vim para os que têm saúde, mas para os enfermos» (cf. Mc 2,17). Como citação está muito bem, mas no fundo não acreditamos! Não acreditamos mesmo que só nos pobres – no sentido mais bonito do termo –, nos que não têm nada, que não se suportam, que vivem esta dramaticidade, é que se abre a rachadura pela qual entra a graça de Cristo, como entrou em nós. Se nós formos os primeiros a percorrer este caminho, seremos capazes de não nos escandalizarmos com nada – nada! –. Poderemos identificar as feridas do outro, como a amiga de antes identificou no menino autista, ou você em outras pessoas, qualquer que seja a forma como surgem diante de você. A questão – como vemos nas séries de TV e como veem constantemente na escola – é se os jovens, como te aconteceu, deparam com um olhar capaz de abraçá-las, sinal do olhar de Cristo que se debruça sobre as feridas deles. Ele se debruça através daqueles que chamou; Cristo nos fez participar primeiro deste abraço para podermos, por nossa vez, abraçar a outros. Caso contrário, com nossos esquematismos, não entraríamos em relação com ninguém!

Ou entraríamos em relação superficialmente.

Insisto. Só quem fez este caminho pessoal poderá identificar qualquer ferida e poderá ver a rachadura pela qual a luz pode entrar. Depois, quando o outro aceitar o nosso abraço, quanto tempo será necessário, quantos sorrisos serão necessários para fazer surgir no outro o primeiro sorriso de resposta, isso não está em nossas mãos. Mas só o fato de sentirmos sobre nós este olhar torna-nos realmente gratos que Tu estejas, Cristo. É isto o carisma. Quanto mais, como às vezes vemos olhando à nossa volta, diante de todas as feridas das pessoas aumentam as regras para limitar de alguma forma a quem transborda, sem no entanto tocar no fundo do eu, tanto mais nós nos damos conta de que o que é bom para nós será bom para os outros: como você disse, não outras regras e outras barreiras para conter o transbordar da nossa humanidade ferida, mas um

olhar capaz de abraçar tudo de nós. Só o judeu Jesus de Nazaré nos olhou assim, «só Cristo se interessa totalmente pela minha humanidade», disse Dom Giussani na Praça de São Pedro em 1998. Não fomos mal feitos, fomos muito bem feitos por Deus! O problema é que muitas vezes nós pensamos que este nosso sermos «necessitados» é, no fundo, um limite...

Sim.

...e que a nossa desproporção estrutural é uma coisa para eliminar. Relembramos que nossa aspiração é a de sermos autônomos, a de não termos necessidades, a de não sermos necessitados, e que se somos necessitados quer dizer que somos mal feitos, que há algo que não está bem. Pelo contrário, Deus nos fez assim necessitados precisamente para poder encher tudo com Sua presença. Por isso uma pessoa é grata que tudo sirva para continuar seu diálogo dramático com o Mistério. Só assim poderemos conhecer a Cristo, caso contrário «até mesmo o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome» (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 11), disse-nos Dom Giussani. Vimos isso na exposição do Meeting, *Viver sem medo na era da incerteza*: não será um Cristo reduzido a simples nome que bloqueará a difusão do nada, como não impediu o esvaziamento das igrejas, transformadas em piscinas, bibliotecas ou restaurantes, nem poderá identificar as necessidades das pessoas. Como disse Charles Taylor no início do vídeo da exposição: «Como foi que evitei acabar como a maioria dos habitantes de Quebec, que, depois de um certo período, ficaram muito irritados com a Igreja? De repente, nos anos 60, houve uma rebelião e muitas pessoas se afastaram. Por que eu não segui esse movimento?» E por que é que nós também não acabamos assim, afastando-nos da Igreja? Não foi, decerto, devido a um discurso religioso genérico, mas a algo real, concreto, histórico, preciso: o carisma, através do qual Cristo se tornou presente na nossa vida, nos fascinou, nos tomou. Se não for isto o carisma, não interessará a ninguém, a começar por nós.

Tenho uma pergunta a partir de um fato que me aconteceu este verão. Um adulto me convidou a conhecer os responsáveis dos Colegiais de outra comunidade: «Isso poderia te ajudar a revitalizar a realidade dos Colegiais da sua cidade», disse-me. A ideia, com efeito, não era má! O problema era este: eu não tinha, com ele, uma amizade profunda. Sua provocação abriu em mim uma vertigem, porque me sentia julgado sobre minha incapacidade de

estar com os jovens. Hoje pedi ajuda a uma responsável aqui presente e a mesma provocação, na relação de amizade com ela, tornou-se ocasião de crescimento, de ser acolhido. Ora, parece que as provocações feitas por um amigo são ocasião de crescimento, ao passo que as mesmas provocações feitas por um estranho se tornam um problema para resolver, para evitar que o sentimento de incapacidade aumente. Pergunto: como estar mais disponível para as provocações, mesmo quando não vêm de um amigo e, aos poucos, começam a ganhar a forma de uma autocrítica e até, talvez, de um fechamento em mim mesmo?

Eu julgo que a disponibilidade nasce da necessidade. Se você tiver uma gripe, não tem a percepção de precisar de alguém que trate de você; mas se tiver um tumor, passa a ser urgente encontrar alguém que responda à sua necessidade; e justamente devido à profundidade da sua necessidade, você não se detém diante do caráter do médico que pode te tratar. Se além disso o cirurgião for simpático, melhor. Nossa dificuldade é que muitas vezes não estamos realmente conscientes da necessidade que temos. Em vez de me sentir julgado por outro, poderia perguntar-me: «Vamos lá ver o que está aqui no que ele me diz, vejamos o que me oferece». Não está dito que aquele adulto tenha acertado na sugestão que te deu, e você é que terá de verificar se o que ele te disse facilita o caminho e te põe em movimento. Mas a questão fundamental é se nós partimos da consciência de que encontrar o outro pode sempre ser um bem. Isso é mais facilmente reconhecível se sentirmos a natureza da nossa necessidade.

Apenas ser consciente da minha necessidade me permite captar a necessidade que surge cada vez mais claramente, de formas às vezes surpreendentes e dramáticas, na nossa sociedade. E é a consciência da minha verdadeira necessidade que me permite identificar quem pode oferecer-me uma resposta adequada. Surpreendeu-me uma coisa que foi contada na Assembleia Internacional de Responsáveis. Uma professora universitária, que engravidou pouco antes da pandemia, teve uma conversa com um doutorando seu cuja mulher, grávida como ela, tinha acabado de perder o bebê; perguntou-lhe o doutorando: «A senhora, sabendo que ia acontecer tudo o que está acontecendo, faria de novo? Traria um filho ao mundo?» Noutra ocasião posterior, a professora lhe perguntou por que ele lhe tinha feito aquela pergunta, logo a ela. E ele: «Porque não há muitas pessoas a quem se pode

fazer uma pergunta assim» (“Por que pergunta a mim?”, *Passos*, n. 239, set. 2021, p. 18). A necessidade que temos é o detector que nos permite identificar as pessoas a quem podemos fazer as perguntas que urgem dentro de nós. Por isso, quanto mais temos necessidade, mais podemos cuidar da experiência de outro. Por isso eu disse que a nossa disponibilidade é mais simples e mais fácil quando temos uma necessidade.

Lembro-me sempre do exemplo de Naamã: depois de ter feito todas as tentativas para se curar da lepra, foi ter com o profeta Eliseu, que lhe disse: «Vai, lava-te sete vezes no rio Jordão». Ele foi embora indignado, pensando que na sua terra havia rios melhores do que as águas do Jordão, um rio sem importância. É esta a presunção. Mas os servos lhe dizem: «Se o profeta te mandasse fazer uma coisa difícil, não a terias feito? Quanto mais agora que ele te disse: “Lava-te e ficarás limpo”». Ele foi e ficou curado (2Rs 5,10-14). Quando uma pessoa tem consciência de sua necessidade está mais disponível, na minha opinião, a acolher uma sugestão: «Veja se o que te digo pode ajudar a encontrar uma resposta para sua pergunta».

A experiência deste ano me introduziu a uma surpresa que queria confiar a você, e confiar a vocês, isto é, que o carisma é uma coisa que acontece, é como que uma renovação de humanidade nas pessoas que encontramos, que ressaltam um aspecto da presença do Senhor. Parecia que eu estava captando de forma nova e mais profunda que o carisma é o reacontecer – nos encontros, nos fatos, nos gestos feitos – dos traços de uma humanidade autêntica, que traz em si um excedente; são os traços da presença de Cristo, os traços de Outro. Dou três exemplos. O primeiro: durante um jantar, uma diretora que eu não conhecia se aproximou de mim e me disse: «Eu tenho de te agradecer muito, porque depois dos dois webinars em que te segui (eu tinha feito dois encontros sobre questões profissionais) decidi recomeçar». Ela tinha acabado de perder um filho adolescente. O segundo: outra diretora se inscreveu na nossa associação depois de conhecer alguns de nós e me mandou um e-mail: «Vai lhe soar supérfluo ou excessivo, mas sinto o dever de um sincero agradecimento pelo acolhimento. Eu, que sinto verdadeira dificuldade em sentir que faço parte de alguma coisa, encontrei um estilo e pessoas que me estimulam, me completam, fazendo-me sentir parte de uma comunidade». Terceiro: fui encontrar um diretor que pertence ao Movimento e está vivendo

um momento difícil; depois de algumas considerações negativas, começou a falar da forma como gere a escola, de como quer bem às crianças, de como está com elas; a certa altura, diante de um cannolo siciliano (sobremesa típica siciliana, nt.), perguntei-lhe: «Na sua opinião, essa sua capacidade de estar na escola nasce de onde?», e ele desatou a chorar. Então lhe disse: «Está vendo? O carisma é uma coisa que nos tomou de tal forma pela raiz que – quase apesar de nós – prevalece e nos leva a ser o que somos». No aeroporto, abraçou-me antes de me deixar ir embora, pedindo-me que voltasse. Dei estes exemplos autobiográficos para dizer que acho que estou vendo que o florescimento da humanidade dos que nos encontramos nos restitui a possibilidade de descobrirmos um traço de Cristo inconfundível, um traço do carisma. Parece que essa identificação com o nosso carisma, seguindo a você, aos gestos e à história do Movimento, é uma coisa muito pertinente para a profissão, diria quase que o carisma é a experiência mais profissionalizante que pode existir e nós só podemos viver disto, porque todo o resto vem depois, como intuição, criatividade, rachaduras que se abrem, ideias que surgem, relações novas. Na Escola de Comunidade lemos que cada um deve preocupar-se em comparar os seus critérios com a imagem do carisma; ora, pelo que contei, entendi melhor que a imagem não é uma coisa minha, mas é uma coisa que acontece, uma coisa visível com a qual nos comparamos. A Escola de Comunidade diz que esta é a nossa virtude. Eu queria ser virtuoso e por isso te peço que aprofunde.

Dom Giussani afirma que «cada um de nós [...] deve-se preocupar em comparar os seus critérios com a imagem do carisma tal como este surgiu nas origens» (*Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 122). Por isso, não se trata de abrir uma discussão sobre qual é a imagem do carisma, porque cada um teria de dizer qual é a sua. A questão não se resolve com discussões, mas começa a esclarecer-se quando acontecem coisas como as que estamos vendo, que vocês estão relatando. Por que o carisma nos conquistou? Porque nos cruzamos com um fenômeno de humanidade diferente que abraçou o nosso ser. É esta a razão por que as pessoas ficavam presas a Jesus: «Nunca vimos uma coisa igual, uma intensidade de vida assim!» E é isto o que se comprova constantemente: o florescimento – como você diz – de uma humanidade tocada, gerada num lugar como este, através da graça do carisma. Dom Giussani nos fez penetrar num percurso para olhar o humano como ele no-lo

deu a entender, de modo a verificarmos no presente a pertinência da fé às exigências da vida, e portanto à profissão. Vimos quantas tentativas conseguem despertar o humano dos outros: uma pessoa consegue recomeçar depois da morte de um filho, outra que era relutante em fazer parte de algo sente-se acolhida e começa a ver que pertencer não é uma mortificação de si, mas um mais de si; outro ainda se sente abraçado e pede que você volte a visitá-lo enquanto te leva ao aeroporto. O que há de comum em tudo isso, se virmos bem? Não é terem concordado sobre o que é a imagem do carisma; cada um verifica a imagem do carisma na capacidade que este desenvolve em nós de interagir de forma pertinente com quem quer que encontremos. Cada um deve verificar, na forma em que vive, com quem é capaz de interagir. Porque uma pessoa pode ficar presa a uma imagem correta, e está bem; pode até pensar que todas as outras estão erradas, e está bem; mas terá de verificar no concreto do que precisa para viver e o que lhe é útil para dialogar com os demais. Por isso me parece que o momento atual é uma ocasião fantástica, como se diz na exposição, para entender qual é a verdadeira natureza do cristianismo; e qual é a verdadeira natureza do carisma. Porque não basta dizer: «Deus»; não basta dizer: «Jesus»; não basta dizer: «A Igreja», pois todos o repetiam e as igrejas se esvaziaram. É por isso que me impressiona tanto a pergunta de Taylor: «Por que foi que não acabei como todo mundo?» Por que é que temos este desejo, esta gratidão em nós? Por que é que experimentamos uma intensidade de vida que queremos partilhar com os outros? Por que é que temos uma capacidade de acolher? De onde nasce? Eu não acho outra resposta senão esta: por causa da nossa fidelidade ao carisma. Diante do desafio atual, cada um deverá ver onde vibra o humano, porque se não vibra, se através da experiência do carisma não floresce o humano, não sei a quantos interessará ainda. Parece-me que é uma oportunidade fantástica para todos nós. Esta é a única “virtude”.

Queria fazer uma consideração e uma pergunta. A primeira consideração é a comoção e a gratidão pelo caminho de graça que, como realidade do Graal (uma proposta de vida cristã dirigida aos alunos dos primeiros anos do ensino fundamental), fizemos este ano. Tínhamos partido com uma grande necessidade, tornada explícita, e isso nos juntou com uma fidelidade inédita. Foi-nos feito o dom de uma comunhão em que o tema não era nosso papel,

mas nossa necessidade de ser, nossa vocação. Partimos, no início do ano passado, do encontro com o alpinista Cucchi (feito também com os jovens), que lançou o tema: «Não quero viver inutilmente»; fizemos, em pequenos grupos, o Dia de Início de Ano. Quando foi a Coleta de Alimentos, parecia que não se podia fazer nada, mas um de nós foi e fomos todos atrás dele. Entre os adultos, alguém pediu para percorrer o caminho da “promessa” (o gesto com que os jovens prometem ajudar-se como irmãos e ser fiéis à companhia do Graal, para crescerem na amizade de Jesus e O testemunharem no mundo): fizemos quatro encontros em que participaram muitíssimos. Depois preparamos o Tríduo Pascal e estivemos com a Rose. O encontro com o arcebispo de Milão foi grandioso e lançou as férias, que fizemos presencialmente, em pequenos grupos. Além disso, muitos bispos que nos conhecem pedem para viver os gestos conosco. Quando me dei conta de toda esta riqueza, disse comigo mesmo: «Mas como é possível? De onde vem?» A segunda coisa que queria dizer é que percebi que certamente a pandemia e as séries de TV deram vazão às questões existenciais dos jovens (falo dos ginásiais), mas vejo também um risco: que fiquemos curtindo essas questões. É típico ver nos pré-adolescentes grupinhos onde há sempre alguém chorando, com todos os outros ao redor, e o sintoma mais grave é que normalmente não falam com os adultos, muito menos com os pais. Quando um adulto consegue identificar essas perguntas deles, parece que muda alguma coisa: é um lugar de autoridade que as acolhe e, ao mesmo tempo, é uma proposta que paradoxalmente não se centra nelas, mas abre para um caminho, para uma companhia. Por exemplo: agora é preciso estudar, preparar um exame, e nós todos os dias estudamos juntos. Queria saber se só eu sinto o risco de fazer dessas perguntas uma moda, ou se é um risco real.

Há sempre o risco de que alguém fique lambendo as feridas. A questão é se esses jovens conseguem identificar na realidade adultos que os abraçam e os lançam, em vez de os fecharem numa “bolha” favorecendo que fiquem curtindo essas questões. Cabe a nós lançar os jovens, cada um segundo a iniciativa que entende ser mais adequada: desde fazer pequenos gestos até fazer-lhes companhia, provocando-os continuamente, em vez de os deixarmos sozinhos lamentando-se.

Dou aulas tanto no ensino fundamental quanto no médio. Quando, ontem à noite, o Francesco voltou a nos fazer a pergunta sobre o crescimento ou o declínio do carisma do qual somos responsáveis, pensei: «Não sei bem o que significa essa pergunta», porém, enquanto tentava responder, veio-me à cabeça um episódio das férias do Graal deste verão: num determinado, as meninas do oitavo ano, muito vivas, começaram a viver dramas muito delas, típicos da idade, de modo que, para onde quer que olhássemos, havia meninas chorando, tristes porque as férias estavam acabando e não iam voltar a se ver; não saíam do nosso pé, vinham falar conosco e nos diziam: «Professora, há uma coisa importantíssima! Preciso falar com a senhora!», contando-nos todas essas coisas. Até que num dado momento, na terceira noite, quando nos dirigíamos para o salão para os testemunhos, chegaram três delas e me disseram: «Professora, precisamos falar com a senhora, urgentíssimo!» Ouço-as enquanto andamos, depois paro e digo: «Vamos olhar para o que está acontecendo agora, vamos olhar para o que vai acontecer esta noite. Amanhã vamos dar um passeio juntas», porque eu não tenho nada a dizer a não ser propor que olhemos juntas para o que estamos vivendo. Pensei nisto todo o verão e também agora, neste início do ano, depois do que disse ontem o padre Andrea, ou seja, que cada um de nós chega diante da realidade com o coração que tem e a realidade traz esse coração aqui para fora; dei-me conta de que a única coisa que me interessa com meus meninos é poder olhar com eles para a realidade e ver junto com eles o que se desvela do seu coração.

Na sua opinião, o fato delas irem falar com você assim, tal como são, com as perguntas que têm e com a confusão que têm lá dentro, é um problema ou é um recurso?

É um recurso, também para mim.

Se assim não for, a alternativa é a que indicava a intervenção anterior: ficarem curtindo as questões entre elas. Os jovens podem ficar curtindo as questões ou podem tomar iniciativas. Às vezes chegam-nos com o caos que têm dentro de si, com suas feridas, e a questão fundamental é não ter medo que cheguem assim como são; e quando as meninas se ligam a você, o ponto é para onde você as leva. Você lhes disse: «Vamos dar um passeio amanhã. Vamos ver o que vai acontecer esta noite». Sempre me surpreendeu a frase de Giussani: «Jesus não concebia sua atração sobre os outros como uma referência última a si, mas ao Pai: a si para que Ele pudesse conduzir ao Pai» (*L'uomo e il suo*

destino. In cammino, Gênova: Marietti 1820, 1999, p. 129). Por isso não deve ser um problema para você o fato de se apegarem a você, pensando que seja necessariamente um personalismo; é inevitável esse apego quando alguém sente uma necessidade, como a criança que recorre à mãe quando precisa de algo. O problema não é tanto esse, senão devíamos mandá-los embora para não se apegarem demais a nós. O problema é para onde os levamos quando vêm conosco. De que você precisa para viver? Àquelas jovens, você propõe aquilo de que precisa para viver. Só quem fez esta descoberta poderá dar aos jovens algumas sugestões de caminho – não teóricas, não como solução abstrata –, de modo que possam fazer uma experiência de vida que os tire da sua situação, convidando-os a participar de uma vida, que é a coisa mais simples. «Quem me segue terá o cêntuplo já aqui» (cf. Mt 19,29). Resumidamente, a que é que Jesus nos convida? A participar de um lugar – na Sua companhia – onde experimentamos uma experiência da vida que ninguém sonharia nem poderia gerar por si. O convite parte da necessidade dos jovens, que não saem do seu pé justamente por causa da urgência que sentem. Se virmos esse grito, temos a possibilidade de olhar para eles como somos olhados, não para prendê-los a nós, mas para os levarmos conosco a um lugar que amplia o horizonte, que os faz realizar uma experiência da vida completamente nova, mais entusiasmante para eles. Como disse antes uma de vocês, quando veem esta possibilidade para eles, os jovens desejam participar deste lugar, tanto que até um aluno autista, que tinha regredido no primeiro confinamento, não vê a hora de voltar à escola. O que terá encontrado para desejar voltar, qualquer que seja a ferida, em vez de ficar curtindo seu desconforto? Um lugar onde a vida transborda.

Barberis. Julián, eu não tenho nada a acrescentar, então nos despedimos de você e lhe agradecemos imensamente por este tempo que você nos concedeu.

Carrón. Obrigado a vocês. Boa noite!